

Experimentação política da amizade em comunidades da internet a partir da teoria dos afetos de Espinosa¹

Lívia Godinho Nery Gomes Azevedo*

Marcelo de Almeida Ferreri

Luana Costa Chaga

Wesley de Sá Faria

Gicelma Barreto Nascimento

Lívia Mendes de Almeida

Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil

Resumo: A compreensão da amizade em sua qualidade política designa um vínculo privilegiado de abertura à alteridade que permite ao corpo experimentações de afetar outros corpos e por eles ser afetado, cujos efeitos podem suscitar transformações na potência de agir. A concepção do corpo em Espinosa, sustentada pela unidade corpo-alma e capacidade de afeto, constitui um elemento precioso para a compreensão da presença e das intensidades afetivas em jogo nas relações de amizades na internet, as quais excluem contato físico. O presente projeto buscou investigar e analisar a maneira com que as comunidades na internet estão sendo utilizadas favorecendo a experimentação política da amizade. As narrativas revelaram que as comunidades da internet se constituem um espaço propício de trocas de ideias e experiências que aumentam a capacidade de reflexão dos sujeitos. As relações mediadas pela internet também favorecem novos modos de organização política e de exercício da cidadania.

Palavras-chave: amizade, política, internet.

Introdução

O surgimento de novas tecnologias oriundas da convergência da informática com as telecomunicações, nas últimas décadas do século XX, trouxe grandes alterações que alcançam o campo econômico, político e das relações sociais. Novos comportamentos e maneiras de se relacionar têm sido instaurados e mediados pelas novas tecnologias digitais nesse início de século XXI.

Nicolaci-da-Costa (2005) demonstra que essas novas formas de sociabilidade mediadas pela internet geraram reações negativas radicais desde a difusão da internet em meados da década de 1990. Tamanho grau de crítica negativa fez com que Castells (1999), em sua análise da sociedade em rede, ao se referir à sociabilidade via internet, apontasse que desde os seus primórdios a internet esteve associada às crenças negativas de que seu uso levaria ao isolamento, ao aumento de solidão, alienação, e levaria até mesmo à depressão.

Não obstante, pesquisas têm apontado que as relações virtuais podem ser solidárias e intensas, configurando a formação de fortes laços de amizade e até mesmo de casamentos reais – o que configura um movimento de transformação dos relacionamentos virtuais duradouros

em relacionamentos reais, conforme atenta Nicolaci-da-Costa (1998, 2005).

De fato, as transformações inauguradas pelas novas formas de interações coletivas na internet parecem ocorrer significativamente no âmbito da sociabilidade e afetividade, compondo novos modos de se relacionar com a alteridade e de fazer amigos – o que configura o ciberespaço como essencialmente político. Lévy (2003) foi um dos primeiros a ressaltar a dimensão ética e política do ciberespaço, destacando que este possibilita a composição de um ambiente democrático de trocas de saberes e de formação de laços solidários.

Lévy (2003) aponta que as relações desterritorializantes via internet possibilitam trocas de conhecimentos e competências, alimentando uma sociabilidade de saber, constituindo o que ele conceitua de “inteligência coletiva” – fundamentada por uma dimensão ético-política de reconhecimento do outro em sua inteligência, de valorização do outro como alguém com quem posso aprender.

Rheingold (1996) igualmente a Lévy (2003) acredita que as relações mediadas pelo computador podem favorecer o exercício democrático de trocas de informação e conhecimentos bem como potencializar o debate de ideias num contexto de igualdade de expressão e reconhecimento do outro em suas habilidades. Os autores valorizam o ciberespaço essencialmente enquanto atividade política. De acordo com a experiência de Rheingold (1996), a comunicação mediada por computador, produz alterações também na esfera das relações intersubjetivas, das amizades e das

¹ O presente artigo faz parte de uma pesquisa Prodoc/DCR que foi realizada com apoio financeiro CNPq e Fapitec (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Sergipe).

* Autora correspondente: liviagn@ig.com.br

comunidades, bem como no campo político para o qual os meios de comunicação exercem papel decisivo nas sociedades democráticas. Além disso, gera transformações significativas também no âmbito da subjetividade.

O estabelecimento de novas relações através do computador só acontece de fato se partir desse gesto inicial de abertura ao não conhecido, do desprendimento de se permitir ser afetado por esse espaço dialogante com o outro em sua alteridade que é sempre desestabilizador e pode variar pontos de vista fixos. As trocas de informações e experiências nas comunidades e outros espaços virtuais favorece o alargamento de opiniões próprio da qualidade política da amizade, e isso permite olhar o mundo de outra perspectiva. Diferentemente da positividade dos posicionamentos de Lévy (2003) que compreendem o ciberespaço como ambiente democrático que favorece trocas solidárias de informação e conhecimento, Wolton (2003) ressalta que as características de autonomia, domínio e velocidade, inerentes à internet correspondem ao cerne do ideal individualista liberal. A performance pautada na autonomia e ausência de controle, na possibilidade de escrever, apagar, arquivar, corresponder-se e comunicar-se em tempo real, são atrativos sedutores na cultura contemporânea de valorização da liberdade individual, o que faz com que a web alimente nefastas ilusões de uma sociedade na qual os homens podem se emancipar individualmente.

O imperativo da velocidade da internet e sua condição de onipresença apropriados por interesses comerciais restritos e para a reprodução do ideal neoliberal de autonomia que geram ilusões de que “o mundo está em nossas mãos” podem trazer terríveis implicações políticas. Além dos problemas implicados com a reprodução da ideia de que somos desnecessários uns aos outros – como destacado por Sennett (1999) e Wolton (2003), o acesso a uma veloz rede em banda larga quase onipresente tem sido utilizado como mais um dispositivo de controle. Autores como Rheingold (1996) e Senra (1993) apontam a nova rede de telecomunicações mundial como uma nova espécie de panóptico que exerce uma vigilância mais pontual, iluminando apenas zonas de interesses em detrimento de outras que ficam na sombra – diferente do panóptico de Bentham cuja visibilidade era total. De acordo com Senra (1993) trata-se de uma iluminação intermitente que não se dirige mais ao espaço, mas a um alvo a ser operado dentro de um plano específico.

As sofisticadas e onipresentes redes de informação cada vez mais cooptadas pelo mercado instauram um controle insidioso na medida em que operam a mercadorização da privacidade. Rheingold (1996), aponta que não somente a privacidade tem se mercadorizado ao destacar que o mercado constitui a bola da vez dos atuais mecanismos panópticos, mas o próprio ato de consumir pode gerar informações de alto valor – que se tornam um novo produto retroalimentando o fluxo avassalador do consumo. O autor alerta que os novos dispositivos de controle, que operam através de máquinas registradoras e cartões de crédito, podem compor formas cínicas de transmissão de informações

sobre o que compramos, quais lugares frequentamos nas mãos de manipuladores totalitários através de uma espécie de dossiê pessoal eletrônico que armazena informações sobre hábitos de compra. A era da convergência de todas as facetas do mercado para a internet instaura a nova insídia do consumo que permite antecipar desejos na forma de atributos compráveis através do perfil do consumidor. Conforme destacam Costa (2002) e Rheingold (1996), essa nova categoria de mercantilização dos afetos, dentre os quais a amizade, constitui a mais nova forma de nefasto controle daquilo que melhor possa agradar os gostos do comprador potencial.

Não obstante, Wolton (2003) sustenta que em meio à globalização econômica que se impõe de forma imperativa e angustiante, não se deve deixar de preservar a ideia de que as novas tecnologias representam um espaço de abertura e de emergência de uma nova cultura solidária e em rede de forma incontestável. Segundo Wolton (2003), a internet como suporte de uma nova solidariedade mundial – questão que tem sido discutida por vários autores – representa uma esperança para que as novas gerações não sucumbam ao niilismo e se engajem na construção de um mundo melhor, em que a solidariedade constitua uma resposta de generosidade e humanidade à implacável ordem da globalização econômica.

Experimentação política da amizade na internet

Para Arendt (1993), a mais importante das virtudes políticas é a amizade. A relação de amizade se configura como espaço privilegiado do agir e do falar, experiências eminentemente políticas e inter-humanas. O aspecto político da amizade pode ser indicado no fato da relação de amizade se configurar como espaço discursivo privilegiado no exercício de considerar a opinião do outro (Arendt, 1993).

Portanto, a amizade, na concepção arendtiana do termo, é respeito e interesse pela opinião dos outros, não depende de intimidade, consiste no gosto pela opinião do outro, configurando uma relação desconcertante, “agonística”, na qual é possível viver o deslocamento/questionamento do familiar, deslocando-se para o lugar dos outros. Além dessa experiência de descolamento do familiar vivida através de uma alteração de ponto de vista, a relação de amizade entendida como experiência inter-humana do agir e do falar possibilita a experiência de ser visitado por outros, num contexto desafiador de coragem e ousadia da aparição, pois, segundo Arendt (2001), é somente pela ação e discurso que o agente aparece e pode revelar-se.

Lévy (2003) e Rheingold (1996) acreditam que a internet possibilita uma espécie de democracia em tempo real, precisamente porque compõe esse espaço agonístico de conversas horizontais que geram deslocamentos e transformações a partir da opinião do outro. As relações travadas na internet favorecem a experimentação política da amizade uma vez que se pautam na ética da hospitalidade, na abertura ao outro em sua alteridade, reconhecendo-o

como alguém que pode instaurar o aprimoramento e relativização do pensamento. Lévy (2003) destaca que as novas formas de relações e de comunicabilidade promovidas pelo ciberespaço promovem a reconstrução do laço social, podendo inventar uma “democracia em tempo real” e uma ética da hospitalidade. De acordo com este autor, as relações virtuais em suas qualidades de pluralidade e descentralização constituem relações de trocas de conhecimentos, um circuito de trocas de saberes no qual a relação com o outro em sua alteridade pode potencializar e enriquecer os próprios saberes do primeiro na medida em que as zonas de inexperiência do eu e do outro não se justapõem.

Lévy (2003) e Rheingold (1996) acreditam que a articulação comprometida de pessoas em uma comunidade virtual pode compor um espaço solidário no qual se compartilha conhecimentos e é possível experimentar modos singulares de resistência política. Em outras palavras, a valorização das novas formas de sociabilidade no ciberespaço articula-se à possibilidade da revitalização de práticas condizentes ao exercício da cidadania e ao favorecimento de relações de abertura e reconhecimento do outro – de onde podem surgir vínculos com o vigor da qualidade política da amizade. A mobilização de grupos e entidades pode ser significativamente potencializada pela internet. Cunha (2001) demonstra que iniciativas individuais, bem como de organizações da sociedade civil que se apropriam da internet para mobilização social, têm gerado bons resultados e repercussões profícuas não só na rede como na mídia tradicional. Rheingold (1996) também destaca que o uso efetivo da comunicação mediada pela internet por diversas organizações sem fins lucrativos e ONGs relacionadas com a defesa do meio ambiente e dos direitos humanos comprova a utilização dessa tecnologia para fins humanitários. O autor chama atenção para o fato de que a internet instaurou uma profunda transformação na maneira como a sociedade civil compõe redes e alianças.

Pensar a amizade à luz da filosofia espinosana dos afetos, mais do que um caminho apropriado, parece-nos uma oportuna escolha elucidativa. A experimentação política da amizade condensa em si um dos principais postulados da filosofia de Espinosa (2008): “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (p. 163). A compreensão da amizade em sua qualidade política designa um vínculo privilegiado de abertura à alteridade que permite ao corpo experimentações de afetar outros corpos e por eles ser afetado, cujos efeitos podem suscitar transformações no registro da subjetividade, ou ainda da potência de agir. A concepção do corpo em Espinosa, sustentada pela unificação corpo-alma e capacidade de afeto constitui um elemento precioso para a compreensão da presença do interlocutor e das intensidades afetivas em jogo nas relações de amizades na internet que prescindem do contato físico.

A força dos afetos entre amigos que nunca se conheceram presencialmente e se vinculam pela internet,

mostra a grandeza da capacidade de pôr em palavras e compartilhar a experiência existencial de estar no mundo como especificidade singular da humanidade do homem. As relações de amizade que nascem e se alimentam de conversas na internet iluminam a ordem discursiva da condição humana, ou seja, a beleza do fato de que somos tocados pelo enunciado do outro, de que a fruição da existência como ser humano se dá no processo mesmo de deciframento dos sentidos das enunciações proferidas no encontro inter-humano. É nesse sentido, de condição privilegiada promotora de incessantes “operações de deciframento” diante da incognoscibilidade radical do sentido último do discurso alheio, que Silva Junior (2007) destaca que para Schleiermacher a “conversa entre amigos” constitui-se como paradigma da hermenêutica. Com efeito, a conversa entre amigos configura uma abertura ao outro em sua radical alteridade numa relação horizontal que requer o esforço em considerar a multiplicidade dos conhecimentos e experiências humanas, constituindo um exercício político de consideração da condição de interdependência para o engrandecimento do horizonte de saberes e aprimoramento do pensamento. É a relevância dessa atividade discursiva da amizade (na qual os sujeitos, numa relação de igualdade política, compartilham informações de como se põem na vida e nesse movimento mesmo significam suas experiências em um mundo compartilhado) que está em jogo nas relações entre amigos que só se vinculam pela internet.

Cozac e Storch (1995), Nicolaci-da-Costa (1998, 2007), Querido (2005), Rheingold (1996) chamam atenção para a autenticidade das emoções e sentimentos envolvidos nas relações virtuais, ressaltando os grandes impactos que elas engendram na vida cotidiana dos sujeitos contemporâneos. Com efeito, os resultados da pesquisa demonstraram que é possível ter amigos que estão distantes fisicamente e com os quais nunca se esteve face a face. Os sujeitos falam da importância do amigo que só se encontra via internet, podendo ser estimado como um dos melhores amigos, apontando para uma mudança na concepção de amizade nesse início de século XXI: a amizade é um relacionamento que se dá cada vez mais no âmbito do compartilhamento e troca de ideias; o amigo não é necessariamente aquele que está ao lado, mas alguém com quem o estar junto se dá através da conversa, da troca de opiniões, experiências e concepções de pensamento. É nesse sentido que as relações de amizades mediadas pela internet se constituem como encontros que acontecem no registro do corpo-mente (alma), tal como o concebe Espinosa.

Uma vez que os sujeitos são afetados na ordem dos pensamentos ou no registro da mente por suas relações de amizades mediadas pela internet, a concepção espinosana da unificação corpo-mente ilumina a qualidade da presença do interlocutor, bem como a condição de intercorporeidade dessas relações. Em outras palavras, não se trata de acorporeidade, termo utilizado por vários autores que estudam sociabilidade na internet, porque esta palavra nega a presença do corpo do interlocutor. No que concerne às

relações de amizades mediadas pela internet, trata-se de uma especificidade na qualidade da presença do corpo do interlocutor que se presentifica, por assim dizer, através de seus valores, ideias e pensamentos. Portanto, não cabe falar em acorporeidade, já que de acordo com Espinosa (2008) a relação entre corpo e mente não é causal, mas sim de envolvimento recíproco: “o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa”. (p. 97). Com efeito, nas relações de amizades travadas na internet as trocas no registro da mente engendram não só transformações de pensamento, mas também alterações corpóreas, designadas pelos sujeitos como contentamento e sentimento de bem estar. Lembremos que segundo Espinosa (2008) “tudo que o que acontece no corpo humano deve ser percebido pela mente” (p. 95). Uma vez que nas relações de amizades mediadas pela internet os corpos são mutuamente afetados pelas ideias, valores e pensamentos expressos nas conversas online, não se trata de uma condição de acorporeidade, mas sim de compreender a presença dos corpos implicados que se comunicam e encontram-se afetivamente ligados. Como demonstram os resultados da pesquisa, trata-se de uma nova maneira de estar junto na qual os sujeitos são afetados no registro da subjetividade.

Segundo Espinosa (2008) na medida em que o corpo é afetado de uma maneira que envolve a natureza do corpo exterior, “a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente” (pop. 17, E. II). Portanto, com relação aos vínculos entre amigos mediados pelo ciberespaço, podemos dizer que se trata de uma condição de intercorporeidade, na qual os corpos estão presentes em ato, podendo afetar e ser afetado. Com efeito, os laços de amizades mediadas pela internet são desvelados como relações afetivas capazes de engendrar mudanças no corpo tanto através de transformações de pensamento quanto na capacidade de ação. Lembremos que segundo Espinosa (2008) afeto é uma afecção simultaneamente do corpo e da mente; afeto é ideia e o que se passa no corpo. As relações de amizades mediadas pela internet configuram uma nova maneira de estar junto na qual os corpos existentes em ato afetam e são afetados pelas opiniões e ideias do seu interlocutor.

Espinosa (2008) entende por alegria “uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior” (p. 177). De acordo com Espinosa (2008), a mente é passível de alterações, ora passando a uma perfeição maior, ora a uma menor. “Quando a mente considera a si própria e sua potência de agir, ela se alegra” (p. 225). Segundo Espinosa (2008) quando a potência de agir, pensar, viver é aumentada ou favorecida por algo, a expressão desse movimento na mente é alegria. Ferreira de Paula (2009) destaca que a alegria favorece a passagem da paixão do corpo e da mente à ação de ambos.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou investigar e analisar de que maneira as comunidades na internet estão sendo utilizadas para favorecer a experimentação política da amizade.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como metodologia de pesquisa a etnografia virtual. De acordo com Hine (2004), a etnografia é uma metodologia ideal para o estudo sobre as práticas cotidianas na internet na medida em que contribui para explorar as complexas inter-relações existentes entre as asserções inerentes aos pressupostos sobre as novas tecnologias.

Em *Etnografia virtual*, Hine (2004) desenvolve uma perspectiva de estudo das interações mediadas, fundamentada no fato de que a internet provê um campo de ação para o estudo do comportamento das pessoas online. Uma vez que a internet é utilizada para múltiplas finalidades, como trabalhar, entreter-se, obter informações, fazer compras, conhecer novas pessoas e manter relações de amizades, etc., Hine (2004) afirma que ela pode ser considerada como uma construção inteiramente social. Portanto, sobre a constituição do objeto etnográfico, a autora destaca que todas as formas de interação são etnograficamente válidas, não somente as que implicam relação face a face. Embora tradicionalmente as interações orais relativas à relação face a face tenham sido fundamentais para a etnografia, Hine (2004) chama atenção para o fato de que os textos também constituem materiais etnográficos que falam da compreensão que seus autores têm da realidade em que vivem. Hine (2004) assinala que a perspectiva etnográfica pode adaptar-se para fazer uma análise do uso cotidiano da internet em uma série de questões sobre os modos de construção da subjetividade, da identidade e de como elas são geradas. Ainda de acordo com a autora, a internet é um lugar plausível para realizar o trabalho de campo na medida em que se configura como espaço onde se mantêm interações relevantes que podem ser entendidas como constitutivas de uma cultura em si mesma. Em outras palavras, para Hine (2004), a metodologia etnográfica contribui com os estudos sobre espaços online uma vez que a internet possui flexibilidade interpretativa “dado que as ideias que provêm de seu uso prático se desenvolvem sempre a partir de um contexto determinado. Assim, os contextos locais de interpretação e uso constituem o campo de estudo etnográfico”. (p. 19, tradução nossa). Portanto, segundo Hine (2004), a concepção de uma etnografia virtual implica considerar a internet em ambas as dimensões: como cultura e como artefato/produto cultural. A etnografia se fortalece precisamente por sua falta de receitas, segundo a autora. Com efeito, desde sua origem, os etnógrafos têm resistido a produzir guias que prescrevam sua aplicação, considerando que a etnografia não é um protocolo que pode dissociar-se de seu espaço de aplicação nem da pessoa que a desenvolve. No âmbito da internet, muitas são as possibilidades do uso da etnografia no estudo do comportamento das pessoas online. Este trabalho utilizou a descrição etnográfica como metodologia interpretativa das narrativas de amizades, configurando uma comunicação em que o sujeito entrevistado não é tomado como alvo, mas como interlocutor, estabelecendo uma relação comunicativa na qual as perguntas servem apenas como um iniciador para um espaço de conversas.

Isso implica, retomando Arendt (1993, 2001), em atenção e dedicação no testemunho dos outros, supondo uma situação de relaxamento, desprendimento no gosto pela opinião do outro, como informa a amizade. Portanto, a entrevista é concebida como encontro no qual o depoente não é tomado como alvo de interpretações, mas como intérprete, ele mesmo, através de suas narrativas de amizades.

Sobre o trabalho de campo e escolha dos interlocutores

Com o intuito de verificar a experimentação política da amizade em comunidades da internet, optou-se por escolher comunidades do Facebook, blogs ou sites, cujos interesses estavam relacionados com a discussão de temas sociais, políticos, filosóficos ou artísticos. O trabalho de campo teve início com a inserção em comunidades através de um texto de divulgação da pesquisa, no qual os participantes eram convidados a colaborar. Portanto, os sujeitos entrevistados foram pessoas que voluntariamente entraram em contato por e-mail. As entrevistas foram realizadas em tempo real, via MSN Messenger, de modo que antes da realização da entrevista foi necessário trocar mensagens por e-mail para combinar o dia e horário da entrevista, bem como para preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garante o sigilo ético através da não identificação dos sujeitos entrevistados, que tiveram os seus nomes modificados.

Para a realização da entrevista foi elaborado um roteiro com perguntas abertas sobre a participação dos sujeitos em comunidades ou outros coletivos na internet e o modo de utilização desses espaços para o exercício da cidadania. As narrativas destacadas elucidam a maneira como os sujeitos são afetados pelas trocas nas comunidades e de que modo as comunidades na internet favorecem a experimentação política da amizade, compreendida como condição privilegiada do agir e do falar. As narrativas foram analisadas à luz da teoria dos afetos de Espinosa. Foram entrevistadas 16 pessoas de diferentes cidades do Brasil, dentre elas 13 homens e 3 mulheres. Todos os sujeitos são adultos, com faixa etária entre 24 e 60 anos.

Ainda com relação aos aspectos metodológicos, é válido destacar que os erros de digitação e abreviações presentes nas narrativas foram mantidos no item da análise e discussão dos dados, pois pretendeu-se preservar a escrita que chegou até os pesquisadores nas entrevistas pelo MSN, visando ilustrar as características desta grafia on-line.

Análise e discussão dos resultados

As comunidades na internet configuram novos espaços de diálogo que instauram novas maneiras de compartilhar ideias, projetos, eventos etc. Neste contexto coletivo de enunciações, os corpos são mobilizados para aprender uns com os outros e discutir problemáticas sociais. A possibilidade de debater, comentar, criticar e contestar favorece um movimento de reflexão sobre temas de interesses coletivos, no qual os corpos compartilham experiências,

mudam de opinião, organizam projetos e manifestações. Será discutido a seguir de que maneira os sujeitos afetam e são afetados por suas comunidades de interesse na internet.

Comunidades na internet: novos espaços de compartilhamento no século XXI

A atual interconexão generalizada no ciberespaço revela novas formas de associação e organização coletivas estruturadas a partir de uma diversidade de padrões. As novas comunidades que proliferam na internet não são pautadas apenas pelas características de solidariedade, vizinhança e parentesco que determinavam o conceito tradicional de comunidade, pois esses são apenas alguns dos inúmeros aspectos possíveis das redes sociais. De acordo com Castells (1999), as comunidades virtuais são redes interpessoais extremamente especializadas e diversificadas, em grande parte pautadas em laços fracos que não possuem o mesmo modelo de comunicação e relação das comunidades físicas, e podem gerar apoio e reciprocidade dependendo da dinâmica da interação sustentada.

A imensa variedade de padrões que baseiam essas novas interações coletivas remete a uma transformação do conceito de “comunidade” em “rede social”, conforme destaca Costa (2005). Nesse movimento de mudança de perspectiva do conceito de “comunidade” para “redes sociais”, Costa (2005) demonstra que vários autores passaram a analisar desde os anos 1990, o conceito empírico de capital social. A noção de capital social compreende a capacidade dos indivíduos de interagir com os que estão a sua volta, parentes, amigos, bem como a habilidade para acessar os que estão distantes. O autor afirma que capital social significa “capacidade de os indivíduos produzirem suas próprias redes, suas comunidades pessoais”.

As redes sociais na internet têm como princípio possibilitar a conexão e comunicação entre as pessoas, constituindo-se como importantes sistemas de interação social, que podem favorecer a composição de laços sociais. Os sujeitos destacam que utilizam as comunidades para compartilhar ideias, trabalhos, projetos, eventos, divulgar grupos de estudos, publicar textos:

A divulgação do grupo de estudos foi praticamente pela internet por emails e facebook. Criamos o blog a partir do pedido de indicações bibliográficas. Uma das meninas do grupo fazia parte de um outro blog e antes pensávamos em publicar versões reduzidas de artigos nesse blog. De uma rede de email que fazemos parte – acolhimento em rede – surgiu um pedido para que disponibilizássemos a bibliografia do curso então surgiu a ideia do blog que acabou transcendendo esse pedido virou um meio de trocarmos ideias divulgarmos nossas produções de textos. (Ísis)

É uma forma de divulgar meu trabalho e de participar de um debate de ideias, além do

blogs propriamente didáticos que eu fiz e faço. (Agamenom)

É pra divulgar o trabalho . . . ah, e também uma coisa que eu esqueci, eu lancei um livro em maio de 2011 e também usei bastante as redes sociais para divulgar o lançamento do livro . . . e foi bastante gente no lançamento e eu acho que o facebook teve um papel importante nisso aí, que eu usei bastante. (Tarsílio)

Como usuário tem curiosidade e interesse de compartilhar; como pesquisador gosto de estudar e tentar compreender suas dinâmicas. nos grupos e listas de discussao tenho sido mais ouvinte, mas nas redes sociais como twitter, facebook e foursquare compartilho bastante, dificilmente fico um dia sem publicar algo nessas redes. Sim, ja criei comunidades, grupos de discussão, fóruns, etc. (Tales)

Sempre a internet é meu principal veículo de divulgação. O site do projeto serviu como plataforma de conteúdo para alimentar as várias ações: curso, palestra, seminário, exposição de fotos, música e filmes e lançamento de filme. O curioso é que começamos o projeto com um público tímido (na ocasião fizemos o lançamento do site junto à encenação de um grupo de teatro). Progressivamente as ações foram crescendo seu público. O curso de 4 dias teve o acompanhamento de mais 600 pessoas. O Seminário foi assistido por mais de 1.500 pessoas por dia (foram dois dias de seminário) alem daquelas que acompanharam via internet. (Akira)

As narrativas demonstram que as comunidades configuram um espaço interessante para compartilhar ideias, informações, textos, projetos, o que favorece aprendizagens e também produção de textos e discussões. Segundo Lévy (2003), as desterritorializantes relações via internet possibilitam trocas de conhecimentos e competências, alimentando uma sociabilidade de saber, fomentando o que ele conceitua de “inteligência coletiva” – fundamentada por uma dimensão ético-política de reconhecimento do outro em sua inteligência, de valorização do outro como alguém com quem se pode aprender. Portanto, segundo Lévy (2003) esses contatos interativos favorecem a constituição de coletivos inteligentes, de um espaço de enunciação democrático de elaboração de questões e negociação em tempo real.

Além de propiciar um espaço de trocas de experiências e ideias, os sujeitos também revelaram que as comunidades favorecem o compartilhamento de informações, movimentos sociais que não são veiculados pela mídia tradicional:

Eu sou jornalista independente, ou seja, eu não trabalho pra nenhum meio de comunicação específico,

não sou atrelado a um meio de comunicação só, como por exemplo . . . vou citar o exemplo mais comum, da globo. Então, eu não sou contratado por uma empresa de comunicação, eu sou jornalista independente, eu faço reportagens de assuntos que eu considero relevante e procuro vender pra alguns meios de comunicação, revistas basicamente . . . e eu utilizo bastante a internet pra – concomitantemente a essa publicação do material em revistas ou sites – eu procuro também divulgar pros meus contatos na internet, através de facebook, de email, de twitter – basicamente por essas 3 ferramentas. Então, eu compartilho o meu trabalho né, que é esse trabalho de jornalismo, e compartilho ideias . . . com certeza, de repente eu tenho – sei lá – uma opinião sobre determinado episódio da política brasileira ou internacional . . . (Tarsílio)

Principalmente a informação, como trabalho num site de comunicação compartilhada e tendo em vista o fenômeno que foi estouro das redes, meio que se tornou importantíssimo para articulações de certos movimentos sociais, políticos e etc.. estivemos naturalmente atrelado ao nosso propósito de jornalismo anti-hegemonico e “pós-capitalista”, o interesse de interagir por dentro dessas redes sociais fez com que tivéssemos grande destaque nessa área. (Hercílio)

percebemos que a internet seria a única possibilidade de construir o evento, já que não possuíamos meios financeiros para estar nos grandes veículos de comunicação e já que o tema, polêmico, encontrou resistência e foi bem difícil de ser interpretado pela mídia – que jamais divulgou o evento como um todo, mas sim, publicou matérias isoladas sobre alguns dos intelectuais e artistas que reunimos no projeto, dando um caráter fragmentário ao que era a construção de uma arena para criação de um pensamento comum. (Akira)

A relevância política da comunicação mediada por computador resulta da possibilidade de compor modos de enfrentamento e recusa aos meios de comunicação dominantes que filtram e editam as informações de acordo com seus interesses. As novas tecnologias da informática instauraram outras mídias não motivadas por interesses comerciais que potencializam a livre comunicação e discussão entre as pessoas, não cooptadas pelos aparatos manipuladores de convicções das mídias dominantes. Mackinnon (2004) demonstra que a comunicação de notícias tem deixado de ser domínio exclusivo de jornalistas. Qualquer cidadão em qualquer parte do globo que tem um computador conectado à internet pode criar sua própria mídia interativa de notícias. Este novo tipo de mídia que inclui blogs bem como chats, sistemas de comunicação sem fio via celulares, tem se tornado conhecido como “mídia participativa on-line”. A mídia interativa e participativa representa uma mudança

de paradigma na medida em que a informação pode ser distribuída e difundida. De fato, uma série de práticas na internet, já denominadas ciberativismo, os vários tipos de blogs, têm constituído uma alternativa, na qual pululam análises e discussões de acontecimentos que não foram repercutidos na mídia prevalecente. Mackinnon (2004) relata que as diversas formas de produção coletiva de informação no ciberespaço, dentre elas os *blogs*, tornam possível uma ampla cadeia de atividade jornalística não motivada comercialmente, o que não é possível sob o modelo da mídia tradicional. A diversidade de blogs que fervilham na internet capacita a comunicação entre cidadãos em diferentes países, sem a necessidade de prévio conhecimento, e sem a mediação de governo ou mídia comercial, além de constituir uma fonte de informação “alternativa” de eventos e questões que a mídia predominante esqueceu ou escolheu ignorar. As novas formas de comunicação na web que desafiam os meios de comunicação dominantes também mobilizam as pessoas a discutirem e a contribuírem com suas próprias informações e *insights* de maneira mais pública e direta do que podem fazer através da mídia convencional. A participação nesses coletivos de discussão possibilita a absorção e processamento da informação em um nível maior de complexidade, na medida em que a análise da informação, bem como a escrita para o fórum público, supõe articulação do pensamento e engajamento. De acordo com Mackinnon (2004), a grande novidade da mídia participativa é a sua capacidade para vincular rapidamente, agregar e compartilhar informação de um vasto número de fontes, derivar significado deste emaranhado de conhecimentos através de comentário; gerar espontaneamente comunidades de discussão on-line acerca de qualquer fato, possibilitar comunidades de discussão sobre uma questão particular visando a multiplicação e modificação desta, de maneira rápida, virótica e auto-reprodutora. Lévy (2002) ressalta essa possibilidade de libertação da palavra como uma das dimensões da revolução ciberdemocrática.

Experimentação política da amizade nas comunidades na internet

Vimos que os novos espaços de compartilhamento possibilitam novas maneiras de corpos afetarem e serem afetados. Segundo Espinosa (2008) o corpo só se constitui enquanto em relação. Nesse sentido, a intercorporeidade funda um movimento na busca de entrar em contato, de afetar e ser afetado por um outro. Com efeito, a autenticidade das relações mediadas pela internet se afirma na presteza em afetar e ser afetado que abre caminho para transformações subjetivas, bem como para experimentações de habilidades e reflexões imprevistas que possibilitam a potencialização da capacidade de agir dos corpos. A experimentação política da amizade pode ser melhor compreendida à luz da concepção espinosana da potência dos corpos em afetar e ser afetado que pode engendrar o aumento da capacidade de ação. De fato, a potência das relações mediadas pela internet diz respeito ao vigor com

o qual os corpos são afetados no registro da invisibilidade dos pensamentos e dos sentimentos suscitados nas trocas de ideias e conhecimentos no diálogo online.

As narrativas demonstraram que a participação nas comunidades na internet está articulada com a possibilidade de afetar outros corpos, através da divulgação de trabalhos, eventos, debates de ideias. Os sujeitos ressaltam que são afetados pelas discussões, destacando a possibilidade de relativização e aprimoramento de suas opiniões.

Em geral, compartilho o que acredito e acompanho o que os colegas colocam, já mudei de ideia, vi pensamentos interessantes, novas formas de ver um fato, isso contribui para ampliar a visão sobre as coisas o mais bacana é isso, possibilidade de conhecer diversas visões e versões sobre o que se está discutindo, podendo a gente concordar com isso ou não, mas pelo menos a reconhecer que a pessoa tem o direito de pensar diferente. (Hepitácio)

Olha, é um espaço que eu considero bastante rico pra minha, tanto pra minha profissão, quanto pra minha formação pessoal, intelectual . . . até digamos assim, de uma maneira, uma formação militante né, um espaço que eu considero que é possível, se não lutar assim, mas contribuir pra concretização, divulgação de ideias com as quais eu concordo, que eu acho importante serem debatidas, ideias que podem, eventualmente, construir um mundo melhor . . . mais justo, mais solidário. Então, as discussões, todo espaço coletivo de discussões, acho que acabam influenciando a gente, porque nisso tá debatendo ideias, confrontando ideias, escutando outras ideias e outras opiniões . . . você acaba sendo influenciado, nem que seja pra manter sua própria posição. Então, acho que é uma relação de troca, bem legal . . . e, como eu sou jornalista independente, eu tava nos últimos anos, eu fiquei bem sozinho, eu não tinha local de trabalho, eu trabalhava basicamente em casa sozinho, então começar a frequentar espaços de discussão, eu sempre gostei disso e, pra mim, foi enriquecedor. (Tarsílio)

Justamente pelo exercício da reflexão. A partir da interação, podemos ver atos falhos, ou encontrar o encorajamento, por meio de relatos de outros, para tomarmos uma outra postura social. (Nícolas)

A troca de experiências, artigos, ensaios, filmes, documentários e conversa sempre tiveram ao meu ver um grande potencial reflexivo, na construção de conhecimento, principalmente como disse anteriormente, juntados pelos mesmo assuntos, discute-se de diferentes perspectivas um tema em comum, o que passa a ser enriquecedor para todos aqueles que participam desse espaço em sua reflexão pessoal diante da ativa coletiva. (Hercílio)

Tal possibilidade de alargamento de horizontes condiz com a condição de experimentação política da amizade uma vez que designa uma relação de abertura à alteridade cuja tensão propicia questionamentos que fazem com que os corpos se desestabilizem e sejam potencializados, alargados em seu horizonte de conhecimentos e capacidade de reflexão e de agir. Com efeito, a especificidade das relações mediadas pela internet concerne ao fato de que os corpos são afetados pelas trocas de experiências e opiniões que favorecem o aumento da potência de pensar. Lembremos que segundo Espinosa (2008), “a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (prop. 23, E. II).

As narrativas revelam que as relações mediadas pelas comunidades na internet se configuram como encontros nos quais os sujeitos são afetados pela potência singular do corpo com o qual se comunica. Os corpos são sensibilizados pelas ideias, pensamentos e perspectivas de como o outro se põe na vida. Trata-se, portanto, de uma condição de intercorporeidade psíquica e, portanto, não de acorporeidade, mas de intercorporeidade – tal como a concebe Espinosa (2008). Chauí (2011) atenta para a definição de afeto de Espinosa (2008), que compreende os acontecimentos corporais e psíquicos como simultâneos. Portanto, o que aumenta a potência de agir da mente também aumenta a do corpo:

Os encontros contribuem para minha capacidade de reflexão a partir do momento em que eu conheço outras visões sobre determinado assunto, as vezes a gente tem uma opinião sobre determinado assunto e acaba conhecendo outras visões, outras informações . . . a torrente de informações que a gente tem hoje em dia é impossível a pessoa ler sozinha tudo que sai e todos temas pelos quais ela se interessa . . . eu, por exemplo, é impossível eu conseguir me aprofundar em nenhum deles porque eu quero saber um pouco de tudo . . . então todo mundo acaba se aprofundando um pouco mais num determinado assunto e a gente acaba trocando informações que eu não acesso, que eu não ficaria sabendo se eu não estivesse conversando com essas pessoas, então . . . acho que a participação coletiva desse tipo aumenta bastante a nossa capacidade de reflexão e, refletindo, a capacidade de ação também. (Tarsílio)

Bem, em todas as discussões, com pessoas muito boas, sou forçado a pensar, refletir, defender meu ponto de vista. Isso ajuda a refletir mais criticamente sobre as coisas. Quanto à ação, pode ser a nível pessoal quando mudo uma prática devido ao que foi discutido com eles seja profissional ou não ou até mesmo coletiva, quando sou incentivado a participar do sindicato ou troco ideias com os colegas por emails e programamos o encontro no caso das trocas de emails com colegas psicólogos, contribui muito pois os experientes ajudam os recém-chegados. (Epitácio)

é uma fonte a mais, hoje temos acessos a muitas fontes de informação e esse mecanismo é dinâmico vc interage com diversas pessoas com pensamentos e culturas diferentes é meio q um aa social vc divide suas experiências e é possível se tornar um cidadão melhor. (Demétrio)

As narrativas demonstram que os corpos sentem-se potencializados pelas trocas de opiniões nas comunidades que permitem reflexão e aprimoramento do pensamento. Chauí (2011) ressalta que para Espinosa a essência da mente é o conhecimento, e quanto mais apto for o corpo para a pluralidade e complexidade das afecções e dos afetos, mais ativa será a mente. Assim, a mente pode sofrer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição maior, ora a uma menor. Espinosa (2008) compreende alegria como o afeto que possibilita a passagem para uma perfeição maior, ou seja, quando encontramos um corpo que aumenta a nossa potência de agir, fortalecendo nosso *conatus*, somos afetados pela alegria; ao contrário, o afeto de tristeza é a passagem para uma perfeição menor, isto é, quando nos relacionamos com algo que diminui a nossa potência de agir, debilitando o *conatus*.

Nesse sentido, as discussões nas comunidades beneficiam uma dinâmica de alegria que estimula os corpos a pensar, tornando-os mais propensos à compreensão das ideias adequadas e potencializados em sua capacidade de ação. A experimentação política da amizade nas comunidades na internet condiz com o exercício político de considerar a opinião do outro, que aumenta a capacidade de reflexão dos corpos. Chauí (2011) afirma que “a possibilidade da ação reflexiva da mente encontra-se, portanto, na estrutura da própria afetividade: é o desejo da alegria que a impulsiona rumo ao conhecimento e à ação” (p. 99).

Vimos que as comunidades na internet podem constituir um espaço de diálogo no qual os corpos afetam a potência de reflexão uns dos outros. Passaremos a discutir a seguir em que medida esse registro discursivo de trocas de opiniões e experiências favorece a mobilização dos corpos para práticas coletivas de cidadania.

Encontros alegres: corpo coletivo e exercício da cidadania

Lévy (2003) e Rheingold (1996) acreditam que a articulação comprometida de pessoas em uma comunidade virtual pode compor um espaço solidário no qual se compartilham conhecimentos e é possível experimentar modos singulares de resistência política. Na visão de Lévy (2003), o papel fundamental da comunidade virtual, compreendida como “inteligência coletiva”, está na possibilidade de mobilizar as pessoas para atuarem como filtros inteligentes no movimento de estímulo à ampliação de conhecimentos e à capacidade para agir coletivamente. Em outras palavras, a valorização das novas formas de sociabilidade no ciberespaço articula-se à possibilidade da revitalização de práticas condizentes ao exercício da cidadania e ao favorecimento de relações de abertura e

reconhecimento do outro, de onde podem surgir vínculos com o vigor da qualidade política da amizade. De fato, o aparato técnico da internet permite o alargamento de práticas cívicas favoráveis à composição de laços solidários que podem irromper modos de relacionar-se e ações políticas que não são cooptados nem reprodutores dos modelos da ordem econômica dominante. A mobilização de grupos e entidades pode ser significativamente potencializada pela internet.

Guzzi (2010) demonstra que a internet se torna cada vez mais um meio de discussão pluralista e de tomada de decisão coletiva, favorecendo uma ampliação da autonomia dos sujeitos para agir e colaborar com outros em um contexto de relações micropolíticas que interferem nas políticas representativas da democracia. Segundo a autora, as novas tecnologias têm promovido uma ampliação do espaço público e um novo jeito de fazer política com maior participação dos cidadãos, que podem trocar informações, consultar, debater, de maneira direta e sem obstáculos burocráticos.

Moraes (2000) ressalta que a internet, ao propiciar um ambiente interativo, cooperativo e descentralizado, tem sido cada vez mais utilizada para difundir reivindicações de diversos movimentos sociais empenhados em alcançar a plenitude da cidadania e a justiça social.

As narrativas revelaram que os corpos estão implicados em discutir problemas sociais nas comunidades na internet. Os debates sobre questões de interesses coletivos despertam a vontade de participação em práticas de cidadania e podem se desdobrar em organização de ações coletivas presenciais. Os sujeitos destacaram que as discussões nas comunidades podem produzir organização de ações políticas no cotidiano fora da internet, tais como manifestações para reivindicar direitos, grupos de estudos, encontros:

Nos segmento dos jovens isso está bem divulgado, pois cada vez mais se usa a net para ações. Vejamos o churrasco de pessoas diferenciadas de São Paulo, no caso do metro de la. . . . O movimento Ocupa Rio Aqui. O movimento a favor da abertura dos arquivos da DITADURA. Meu blog não digo, mas a internet em geral esta revolucionando o mundo veja o caso da Primavera Arabe. Houve um acampamento na Cinelandia que eu fotografei e pus no blog. Eles não quiseram dar texto mais era nos mesmos moldes do OCUPY NY. Não sei se ainda estão la, mas por acompanhar as noticias acho que ainda estão la. . . . Estou divulgando a 3 Marcha Nacional LGBTT, que vai acontecer no dia 16/5. (Ênio)

Na verdade potencializou minhas ações locais. Por meio destas ações consegui ampliar minhas ações e hoje participo de ações a nível nacional. Hoje sou convidado para realizar palestras em vários eventos nacionais devido minhas ações em rede. (Ulisses).

Arrecadamos livros, mobilizamos blogueiros a doarem sangue, saímos algumas vezes nas ruas para protestos e atos públicos, como no movimento da mesma moeda. Todos seguem a mesma linha: a partir de um tweet, uma manifestação que ganha adeptos, egajamento e manifestação. No aumento dos parlamentares, observei algumas mensagens no twitter de pessoas que eram contra, eles iniciaram um discussão no twitter e criaram um perfil para veicular informações sobre os aumentos e marcaram um ato público com concentracao em frente a assembleia do estado . . . eu não conheci ninguém pessoalmente, mas a causa era comum . . . eu me vesti de preto, como solitudo pelo pessoal nos tweets, e fui, segurei uma faixa, coloquei nariz de palhaço que eles distribuíram e conheci pessoas la que hoje são meus amigos. (Tales)

Acho que tem uma parte que as redes sociais são grandes potencializadores de encontros, de saber o que está acotecendo mas eu acho super importante acontecerm encontros tb presenciais. Por exemplo, no grupo de ATS realizamos a cada dois meses encontros de 'troca de saberes' no último discutimos economia solidária e chamamos alguns grupos de sp que trabalhavam com isso para mim, foi mto importante ter esse encontro presencial, ouvir os depoimentos. (Ísis)

As narrativas demonstram que as discussões nas comunidades podem se desdobrar em ações coletivas fora da rede, configurando um espaço no qual os corpos podem afetar a capacidade de agir uns dos outros. Bove (1996) afirma que a estratégia por excelência do *conatus* político, ou da *multitudinis potentia*, concebida como movimento ao mesmo tempo livre e necessário de auto-constituição da sociedade como corpo, se origina no exercício plural da liberdade da palavra de seus sujeitos. Portanto, a experimentação política da amizade como relação de abertura à livre expressão de opiniões configura um terreno fértil onde podem germinar ações de organização da multidão, viabilizando sua potência. A força da qualidade política da amizade, destacada por Arendt (1993) e Derrida (1997) encontra-se na possibilidade de resistência à redução da expressão de opiniões, própria do estreitamento e cegueira da superstição (condição de ausência de reflexão crítica favorável à servidão) a partir de uma relação agonística de afrontamento de diferentes e múltiplas opiniões, interesses, potências singulares de análise, de crítica, de indignação, que pode irromper ações políticas inovadoras. A amizade como vínculo privilegiado de consideração da opinião do outro promove encontros de trocas de experiências, valores e ideias que produzem transformações no registro da subjetividade dos sujeitos, capacitando-os para a ação comum. A condição de abertura à alteridade implicada na experimentação política da amizade é em si mesma uma disposição a afetar e ser afetado que propicia uma relação democrática de trocas de conhecimentos de onde os sujeitos saem transformados, potencializados em

seu *conatus*. A amizade, compreendida como relação de igualdade política que não pretende anular as diferenças, configura um encontro alegre implicado em alargar os horizontes e aprimorar o pensamento, o que aumenta a potência de agir dos sujeitos.

A experimentação política da amizade constitui a prática da democracia como movimento de realização da liberdade na medida em que promove os atos políticos do agir e falar, que implicam na parceria, na companhia dos outros, na conquista da adesão dos outros mediante persuasão e não pela violência ou coerção. Desse modo, a ação desempenha um ciclo completo de experiência inaugural, inovadora. Bove (1996) destaca a escuta da opinião do outro e o pensamento crítico, próprios da qualidade política da amizade, como modo de ser da liberdade.

Nesse sentido, as relações mediadas pelas comunidades na internet constituem encontros alegres não só porque possibilitam o aumento da capacidade de pensar, que abre caminho para o conhecimento das noções comuns e das ideias adequadas, mas também na medida em que instigam os corpos a agir. As narrativas demonstram que os vínculos mediados pelos coletivos na internet podem compor encontros alegres na medida em que se expressam como gestos solidários que favorecem o aumento da potência de refletir e de ação dos corpos. É nesse sentido, de que a internet engendra espaços de trocas de informações e conhecimentos voltados para a vivência de enunciações coletivas, que Lévy (2003) pensa a internet como viabilizadora de relações democráticas favoráveis ao engajamento em práticas solidárias que mobilizam os corpos a agir em prol da cidadania.

Vimos que nas comunidades na internet, os corpos afetam a capacidade de reflexão uns dos outros e também podem afetar a capacidade de ação, uma vez que as discussões podem se desdobrar em ações coletivas no cotidiano fora da rede. No entanto, os sujeitos relataram que são mais afetados na capacidade de reflexão e que há uma dificuldade de organização de encontros presenciais. As narrativas demonstram que os sujeitos participam de discussões e pouca ou nenhuma participação em manifestações presenciais:

Às vezes tenho impressão de que muitas coisas param na manifestação pela internet. mas que precisariam ir além. Eu mesma faço isso, o que às vezes me dá um certo incômodo. por exemplo, quando teve ano passado toda a questão na usp, da polícia no campus. eu fometei várias discussões, posts, comentários pela internet. mas fui apenas em uma assembleia na USP. eu fico em dúvida. até que ponto a internet é um meio mais eficaz (por exemplo, acho assembleia muito chatas e um tanto viciadas). Tenho a impressão de que a internet às vezes parece mais real do que o real, sabe? Por um lado ela propicia muitos encontros, mas por outro, as coisas não se bastam nela. e por exemplo, da questão da polícia na USP eu divulgava os textos legais que lia. mas

em geral meus amigos do facebook tinham opinião parecida. meu tio, que é a favor da polícia, não via os textos (ele não tem facebook, entende?) acho que ajudou a dar uma visibilidade a um lado não tão divulgado, ou com uma divulgação restrita. tiveram textos que saíram nos jornais, em blogs super lidos. petições e abaixo assinados pela internet. mas me parece uma cidadania limitada, uma forma de nos aliviarmos que estamos fazendo algo, acho que tem um alcance, mas há uma ilusão de que ele é muito maior do que tem se mostrado. (Ísis).

Acho que as informações que vemos, as trocas de ideias despertam o sentimento de indignação tão necessário à prática de cidadania, pelo menos a luta por ela é como um tapa na cara, sentimos que precisamos participar da luta, por meio dos movimentos organizados, participar das discussões que envolvem a coletividade no meu caso tenho uma rede de amigos que são politizados, acho que isso conta muito também minhas primeiras experiências nesse sentido de luta foi com grupos, digamos “reais” ou não virtuais por isso, em meu caso, tenho a sensação de que o virtual é ferramenta facilitadora, catalisa mas precisamos ir além, ir pro material, ou seja, participar de mobilizações onde estamos localizados. (Epitácio)

Aliás é a contradição do nosso tempo, mais acesso a informação e menos formação para usar a informação de forma eficiente e transformadora, foi o que eu vi nos USA quando estudei e lecionei lá. (Agamenon)

Penso que em termos de viabilização as redes sociais são cruciais. No entanto, sou bastante reticente quanto à capacidade das redes de produzirem uma organização. Acho que elas são muito pautadas na reação às informações divulgadas em um processo crescente de retroalimentação que pode transformar uma pequena ideia num acontecimento e que tem esta capacidade incrível de ser a todo instante debatida – é impressionante a velocidade com que as pessoas vão formando opiniões e logo a questionam e logo fazem uma revisão do que horas antes haviam pensado. . . . Ou seja, acredito muito na capacidade de potencialização da rede, mas não de organização. A construção de algo, em nossa experiência com o projeto, se deu fora da rede. (Akira).

Embora as relações mediadas pelo computador favoreçam a experimentação de um espaço dialogante de igualdade política que pode gerar movimentos de resistência aos imperativos da ordem econômica dominante, as diversas modalidades de comunicação da internet não garantem por si só uma apropriação crítica que conduza à articulação política e ao florescimento de práticas cidadãs. As diversas modalidades de comunicação mediadas pelo computador

não estão necessariamente articuladas com a experimentação de espaços democráticos de reflexão e discussão de assuntos públicos que supõem engajamento. Elas podem ser utilizadas de maneira passiva e alienada, que não geram mobilização de um coletivo, nem mesmo as frutíferas trocas de conhecimentos relatadas por Lévy (2003) e Rheingold (1996). Com efeito, ainda que a internet possibilite a comunicação muitos-muitos, o estímulo e o comprometimento em relação à articulação política não estão garantidos simplesmente pela ferramenta tecnológica, estão atrelados a um conjunto de forças que não se esgota na técnica. Sobre a participação política na rede, Guzzi (2010) afirma que “são necessárias não apenas estruturas comunicacionais eficientes e instituições propícias para a participação, mas também devem estar presentes o desejo, a motivação, o interesse e a disponibilidade dos governos e dos cidadãos para se engajarem no debate” (p.46).

Por mais que Rheingold (1996) e outros autores tenham demonstrado a potência da comunicação mediada por computador para constituir movimentos de resistência comprometidos com o resgate da dignidade do cidadão, o revigoramento do exercício político é indissociável de uma transformação maior, que envolve mudanças de valores e alterações na esfera econômica, política e cultural. É nesse sentido que Wolton (2003) sinaliza que o importante no mundo das mídias digitais não é a tecnologia em si, mas os projetos econômicos e culturais que a acompanham. Portanto, é necessário que a utilização da internet seja alimentada por projetos de desenvolvimento educacional, econômico e cultural para que nela pululem relações de experimentação política com o vigor da solidariedade que tragam mudanças significativas para o cotidiano das pessoas. Em outras palavras, o aspecto mobilizador da utilização da internet para compor relações de discussão de questões públicas tem que partir do comprometimento de cada cidadão no processo de reavivamento da cidadania, do despertar para a responsabilidade com a dimensão da coletividade.

Considerações finais

A qualidade política da amizade consagra-se na presteza de pôr em palavras os assuntos e experiências concernentes à condição humana de compartilhamento do

mundo. A amizade refere-se às experiências inter-humanas do agir e do falar, onde os seres partilham, como se colocam na vida e nesse movimento mesmo humanizam o mundo (Arendt 1993; 2008). O registro discursivo da amizade permite aos seres humanos partilhar suas experiências mundanas como agentes e falantes, dando sentido a elas, pois o mundo só se torna humanizado quando passou a ser objeto de discurso (Arendt, 2008).

Portanto, a partir de Arendt (2008), pode-se dizer que é no discurso que se manifesta a importância política da amizade e a qualidade humana própria a ela. É a força dessa experiência discursiva da amizade como espaço de diálogo voltado para o compartilhamento das inesgotáveis opiniões concernentes aos assuntos humanos que está em jogo nas relações entre amigos na internet. A abertura ao diálogo no qual se discutem as opiniões e experiências relativas à vida em comunidade constitui a especificidade das relações de amizades mediadas pela internet.

Os resultados da pesquisa iluminam a qualidade discursiva inerente à constituição da humanidade do homem. Os diálogos mediados pelas comunidades na internet não se expressaram apenas como viabilizadores da experimentação da qualidade política da amizade naquilo que concerne à possibilidade de relativização do pensamento, mas também engendraram gestos com o vigor da solidariedade que mobilizam o exercício da cidadania. As trocas de ideias nas comunidades aumentam a potência de reflexão dos corpos. As conversas nas comunidades favorecem a discussão de problemas coletivos relacionados à cidadania. No entanto, há maior participação em um registro discursivo de discussões no âmbito da internet do que organização de movimentos sociais fora da rede.

As comunidades na internet propiciam o debate e a reflexão sobre os problemas sociais, mas há pouco desdobramento das discussões em organização política presencial. Há maior mobilização dos corpos para as discussões no contexto da internet do que a articulação política de um coletivo. As comunidades na internet têm favorecido a experimentação de novos modos de exercício da cidadania. Porém, o uso dessas ferramentas ainda precisa ser melhor explorado e articulado com projetos de desenvolvimento educacional, econômico e cultural.

Political experimentation of friendship in internet communities from Spinoza's theory of affects

Abstract: The understanding of friendship in its politic quality designates a privileged link of openness to otherness that allows the body to experience affecting other bodies and being affected by them, whose effects may give rise to changes in the power of acting. The conception of body in Spinoza, sustained by the body-soul unity and the capacity for affection, is a valuable element to understand the presence and the affective intensities at stake in friendship relations on the Internet, which exclude physical contact. This project sought to investigate and analyze how internet communities are being used to favor the political experimentation of friendship. The narratives revealed that internet communities constitute an appropriate environment for exchanging ideas and experiences that increase the capacity for reflection of the subject. Relationships mediated by the Internet also favor new forms of political organization and exercising citizenship.

Keywords: friendship, politics, internet.

Expérimentation politique de l'amitié dans communautés sur l'internet à partir de la théorie des affects chez Spinoza

Résumé: La compréhension de l'amitié dans sa qualité politique désigne une relation privilégiée d'ouverture à l'altérité laquelle permet aux essais du corps d'affecter d'autres organismes et pour eux d'être concernés, dont les effets peuvent conduire à des changements dans le pouvoir d'agir. La conception du corps chez Spinoza, soutenue par l'unité corps-âme et par la capacité d'affection, est un élément précieux pour comprendre la présence et l'intensité de l'affection en question dans les relations d'amitié sur l'internet, laquelle exclut le contact physique. L'intention de ce projet a l'intention est d'étudier et analyser comment les communautés sur l'internet sont utilisés pour favoriser la politique d'expérimentation de l'amitié. Les récits révèlent que les communautés du réseau constituent un cadre approprié pour l'échange d'idées et d'expériences qui renforcent la réflexivité du sujet. Les relations sur internet favorisent également des nouveaux modes d'organisation politique et de citoyenneté.

Mots-clés: amitié, politique, internet.

Experimentación política de la amistad en las comunidades de Internet a partir de la teoría de los afectos de Spinoza

Resumen: La comprensión de la amistad en su calidad política designa un vínculo privilegiado de la apertura a la alteridad que permite al cuerpo experimentaciones de afectar otros cuerpos y por ellos afectarse, cuyos efectos pueden suscitar transformaciones en la forma de actuar. La concepción del cuerpo en Spinoza, sostenida por la unidad alma-cuerpo y la capacidad de afecto constituye un elemento precioso para la comprensión de la presencia e intensidades afectivas en juego en las relaciones de amistad en Internet, las cuales excluyen contacto físico. Este proyecto buscó investigar y analizar la forma en que las comunidades en Internet están siendo utilizadas para favorecer la experimentación política de la amistad. Las narrativas revelaron que las comunidades de internet constituyen un ambiente propicio para el intercambio de ideas y experiencias que aumentan la capacidad de reflexión de los sujetos. Relaciones mediadas por la Internet también favorecen nuevas formas de organización política y del ejercicio de la ciudadanía.

Palabras clave: amistad, política, internet.

Referências

- Arendt, H. (1993). *A dignidade da política: ensaios e conferências*. (3a ed., H. Martins et al., trad.). Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Arendt, H. (2001). *A condição humana* (10a ed., R. Raposo, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Arendt, H. (2008). *Homens em tempos sombrios*. (D. Bottmann, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Bove, L. (1996). *La stratégie du conatus: affirmation et résistance chez Spinoza*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede* (9a ed., R. V. Majer, trad.). São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Chauí, M. S. (2011). *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Cozac, J. R., & Storch, L. W. (1995). *Relações virtuais: o lado humano da comunicação eletrônica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Costa, R. (2005). Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 9(17), 235-248.
- Cunha, G. (2001). Internet e mobilização social: a necessidade de uma filtragem qualificada. In A. F. Neto, et al. (Orgs.), *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Derrida, J. (1997). *Politics of friendship* (G. Collins, trad.). Nova York: Verso.
- Espinosa, B. (2008). *Ética*. (2a ed., T. Tadeu, trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Ferreira de Paula, M. (2009). *Alegria e felicidade a experiência do processo liberador em Espinosa*. (Tese de doutorado). Departamento de Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Guzzi, D. (2010). *Web e participação: a democracia no século XXI*. São Paulo, SP: Senac SP.
- Hine, C. (2004). *Etnografia virtual*. Barcelona: Editorial UOC.
- Lévy, P. (2002). *Ciberdemocracia* (A. Emílio, trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévy, P. (2003). *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço* (4a ed., L. P. Rouanet, trad.). São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Lévy, P. (1993). *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática* (C. I. Costa, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Mackinnon, R. (2004). *The world-wide conversation: online participatory media and international news*. Recuperado de <http://cyber.law.harvard.edu/blogs/gems/techjournalism>.

- Moraes, D. (2000). Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na internet. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 23(2), 142-155.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1998). Na malha da rede: os impactos íntimos da internet. Rio de Janeiro, RJ: Campus.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia e Sociedade*, 17(2), 50-57. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200008&lng=pt&nrm=iso
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2007). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 18(2), 193-202. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009&lng=pt&nrm=iso
- Querido, P. (2005). *Amizades virtuais, paixões reais – a sedução pela escrita*. Lisboa: Edições Centro Atlântico.
- Rheingold, H. (1996). A comunidade virtual (H. Aranha, trad.). Lisboa: Gradiva.
- Senra, S. (1993). Max Headroom: o último jornalista. In A. Parente (Org.), *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. (R. Luz et al, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Silva Junior, N. (2007). *Linguagem e pensamento: a lógica na razão e na desrazão*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Wolton, D. (2003). *Internet, e depois? – Uma teoria crítica das novas mídias* (I. Crossetti, trad.). Porto Alegre, RS: Sulina.

Recebido: 17/09/2013

Revisado: 24/11/2014

Aceito: 27/02/2015